

5ª PARTE

DISCURSOS

DISCURSO DE POSSE NA ACL⁷

Laéria Fontenele

Senhoras e Senhores,

Entro, hoje, em uma Casa feita de história, de memória, e que nos incita a refletir sobre a transitoriedade de todas as coisas e sobre o valor da vida. O simbólico é sua viga mestra; e dele se ergue o vazio em torno do qual se faz toda criação, seja esta, de natureza artística ou cultural. A criação, lembra-nos Jacques Lacan, com Heidegger, “comporta um saber da criatura e do criador” e representa a Coisa “na medida em que o objeto é criado”. Ambos os pensadores estão se referindo à forma mais primitiva de criação humana: a do vaso pelo oleiro; desse modo, a concebem como aquilo que se faz em torno do vazio, tendo nela, lugar central à diferença entre este e o pleno instaurada pelo objeto da criação. Lacan nomeia o vaso criado de significante modelado e nos diz “(...) se o vaso pode estar pleno é, na medida em que, primeiro, em sua essência, é vazio”. Disso, bem sabem, secreta e singularmente, os ficcionistas, ensaístas e poetas desta Academia.

Senhoras e Senhores,

O vazio porta em si, um valor extraordinário; sem ele, não há movimento, mobilidade, ritmo nem tempo. O vazio não é o nada; o vazio é a falta de matéria que se manifesta em um espaço; o nada é o que falta absolutamente à existência. A presença de uma ausência é a mais excelsa definição do simbólico; e o valor diferencial da palavra lhe concede a força de gerar enunciações polissêmicas, equívocas, absurdas, em que, até mesmo, pode ocorrer que se minta falando a verdade ou que se diga a verdade através da mentira, como ilustra o dito espirituoso citado por Freud em “Os chistes e sua relação com

7 Discurso pronunciado em 5 de março de 2020.

o inconsciente”: “Em uma estação ferroviária da Galícia, dois judeus se encontraram em um vagão: ‘– Aonde irás?’ Perguntou um. ‘– À Cracóvia’, foi a resposta. ‘– Mas que mentiroso tu és!’ Retrucou o outro, enraivecido. E acrescentou: ‘– Quando me dizes que viajarás à Cracóvia, tu queres que eu acredite que, em verdade, tu irás a Lemberg. Mas eu sei muito bem que, realmente, viajarás à Cracóvia. Por que, então, tu mentes para mim’?”

Desse modo, o acesso do Homem à linguagem, convocando-o à significação, o faz único entre os animais, pois o chama ao laço social e às diversas formas de amor. É lugar-comum dizer que a vida é bela; porém, mais bela do que a vida é a capacidade humana de dar-lhe tão diversos sentidos e transformá-los em feitos que merecem ser lembrados, graças à duração da memória e ao auxílio que lhe presta a fantasia. A memória, como figura do eterno e fonte de toda poesia, traz em si, a presença do desejo em sua vocação de retornar ao princípio de tudo, de querer o que só ela é capaz de eternizar.

Por isso, o lugar que, a partir de hoje, passarei a ocupar, o da Cadeira 24, tornada vacante por Pedro Paulo de Sousa Montenegro, não será meu de fato, pois pertence aos que, em permanecendo aos que se vão, elegem, mediante seus votos a quem reconhecem o direito de provisoriamente ocupá-lo por diferentes motivos e méritos; e “sê-lo-á sempre”, porquanto perdurar a tradição que dá a tônica a essa centenária Instituição em que “tudo passa e tudo fica”. Trata-se, portanto, de um lugar simbólico a que se deve honrar.

A Cadeira 24 tem por Patrono o simbolista Lívio Barreto, o Lucas Bizarro da Padaria Espiritual. É seu destinatário mítico, pois, mais do que qualquer um que venha a ocupá-la, torna pleno o vazio do lugar. Ao ser proclamado patrono dessa cadeira, foi chamado a fundar uma nova linhagem, que, como todas as demais, é feita de estranheza, pois não advém do processo de nomeação, ou seja, da doação do patronímico, dotado do poder de tornar singular cada

sujeito, dando-lhe lugar na filiação. Por outro lado, aquele que aqui aporta não perde nem ganha novo nome. Em tese, a sua eleição para ocupar uma cadeira, sob a sombra de dolorosa perda, convoca ao luto e à sua resolução, e, com isso, inicia-se outra linhagem por obra das contribuições à Literatura, à Ciência ou à Cultura. O poeta Lívio Barreto, como os demais patronos, existe para lembrar o *agalma* que a cadeira, como lugar de passagem, esconde. Por isso, não foi vã a destacada homenagem que lhe prestou, em seu discurso de posse, Pedro Paulo Montenegro: “um movimento poético se deve reconhecer por seus expoentes” e, rememorando grandes nomes do berço do Simbolismo (Baudelaire, Mallarmé, Verlaine) e de seus ramos, delineou, com propriedade, o espírito do Simbolismo e destacou Lívio Barreto como o vulto maior desse movimento no Ceará.

Neste ano de 2020, comemora-se o sesquicentenário de nascimento desse poeta. Por tão especial motivo, pedi ao acadêmico Sânzio de Azevedo, que me apontasse uma pequena, mas significativa, amostra dos poemas que considerasse os mais bem urdidos do Poeta de Granja – este nos legou apenas um livro, sob o título “Dolentes”, por conta de sua súbita e trágica morte aos 25 anos. O poeta e ensaísta Sânzio de Azevedo escolheu os poemas “Lágrimas”; “Peregrina”; “Olha-me”; e “Dedicatória”, tendo salientado ser “**Lágrimas**” a obra-prima do jovem Lívio, que agora leio para os senhores:

Lágrimas tristes, lágrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente!
Vindes da ruína dolorosa e ardente
Das minhas torres de luar vestidas.

Órfãs trementes, órfãs desvalidas,
Não tenho um seio carinhoso e quente,

Frouxel de ninho, cálix recendente,
Onde abrigar-vos, pérolas sentidas.

Vindes da noite, vindes da amargura,
Desabrochastes sobre a dura frágua
Do coração ao sol da desventura!

Vindes de um seio, vindes de uma mágoa
E não achastes uma urna pura
Para abrigar-vos, frias gotas d'água! (BARRETO, 2009, 90-1)

Senhoras e Senhores,

Retornemos à linhagem da Cadeira 24: quando da fusão entre a Academia de Letras do Ceará e a Academia Cearense de Letras, ocorrida em 1951, ocupou-a - impulsionado por Alba Valdez, - o jornalista, cronista e poeta Gastão Gonçalves da Justa, autor de “Quando as Rosas Florescem”, que praticou, na maturidade, poesia de feição dionisíaca e celebrou, com o poema “**O Amor e o Vinho**”, o vínculo entre a vida, como metáfora do amor, e o vinho, como produto cultivado da videira. Ouçamos os versos de seu soneto:

De que nos vale a vida sem o vinho?
De que nos vale a vida sem o amor?
O vinho nos aquece e dá calor
O amor nos reconforta e dá carinho.

Se o sonho nos fugir, se no caminho
Do destino nos assaltar a dor,

Bebamos e esqueçamos o amargor
Deste viver misérrimo e mesquinho...

Na vida duas taças encontramos:
A boca da mulher a quem amamos
E o copo em que afogamos nossa dor.

Saibamos escolher a melhor taça.
A embriaguez do vinho é breve, passa,
Não passa nunca a embriaguez do amor.

Gastão da Justa foi sucedido por Pedro Paulo Montenegro, que permaneceu, ocupando o vazio do lugar, por quarenta e nove anos, desde sua posse no dia 7 de outubro de 1970.

Pedro Paulo de Sousa Montenegro, cujo nome é um decassílabo, como lhe dizia, espirituosamente, o poeta Carlos Augusto Viana, sempre que o encontrava nas reuniões da Sexta Literária, promovidas, no Ideal Clube, pelo poeta José Telles, causando-lhe o riso, veio ao mundo no município de Quixadá aos 9 de janeiro de 1928. Entre a sua meninice e puberdade, presenciaria grandes transformações sociais, políticas, das mentalidades e das artes, que deixariam profundos efeitos em sua alma criativa, curiosa e inquieta.

Veria, aos onze anos, ser deflagrada a Segunda Grande Guerra Mundial que, em diferentes proporções, provocou estragos por toda parte, sendo finda apenas no pórtico de sua vida adulta. Pedro Paulo Montenegro pôde, em sua juventude, testemunhar tanto o poder inventivo, proveniente da alma e da ação humana, quanto de seu poder destrutivo e mortífero. Nesse contexto, o forte interesse que brotou em si pelas Letras em geral e pela Literatura em particular,

deu provas de sua inclinação para a valorização da vida. Assim, desenvolveu, concomitantemente, o seu agudo senso de realidade e sua tendência a deixar-se levar pelas mãos da imaginação dos escritores que tanto despertaram a sua fantasia de leitor quanto o seu amor pela arte literária, consolidado com o diploma de Bacharel em Letras Neolatinas, obtido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1953. Posteriormente, concluiu o curso de Direito na Universidade Federal do Ceará, mas foi o estudo da Literatura que motivou sua Pós-Graduação, realizada em Madri, onde usufruiu o ensino e a orientação de grandes nomes da Literatura de Língua Espanhola e que lhe definiriam os rumos profissionais.

Pedro Paulo Montenegro exerceu o Magistério em duas Instituições Públicas: o Colégio Militar de Fortaleza e a Universidade Federal do Ceará; nesta, tornou-se Professor Titular, havendo lecionado por quarenta e dois anos, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, ocupando, ainda, com manifesta dedicação, diversos cargos de Direção e de representação, dentre os quais o de Pró-Reitor de Extensão. Nessa mesma Universidade, hoje uma das mais conceituadas Instituições de Ensino Superior de nosso país, graças ao trabalho de servidores públicos, como ele, teve o percurso coroado com a concessão do título de Professor Emérito. A saudação coube ao Professor Linhares Filho, o mesmo que lhe propôs o título com a concordância unânime do Conselho Universitário, como bem registrado no seu memorável discurso, no qual pesa o valor do premiado.

Na ocasião de sua posse na Academia Cearense de Letras, ao recepcioná-lo, o ilustíssimo poeta Artur Eduardo Benevides ofereceu-lhe uma definição precisa de sua estatura como pessoa e intelectual, ao afirmar: “temperamento vibrátil e emotivo, possuindo inquietação criadora, vive de livros e para os livros, na busca incessante da verdade

e da beleza. Aceita o que é novo, sem fazer, porém, concessões ao vulgar. E sabe dar o justo valor à obra literária, servido por poderosa intuição estética, que formula a crítica com serenidade”.

Pedro Paulo Montenegro experimentou os efeitos da modernidade e, dela, colheu frutos e espargiu suas sementes por meio de seu ensino; mas à semelhança dos grandes pensadores modernos, era tocado por certa saudade idealizada da Antiguidade, manifesta no entusiasmo com que, em suas aulas, percorria a poética de Aristóteles, Horácio e Longino. Tal estado d’alma não limitou o seu interesse pelo espírito da modernidade e suas transmutações, pelos enigmas do fazer literário e, notadamente, pelas origens e desdobramentos do romance moderno, de que foi pesquisador, sobremodo dedicado, em ensaios e estudos de referência sobre o tema, a exemplo de seu artigo “Dom Quixote e a Evolução do Romance Moderno”, em que afirma “Cervantes teve, pode-se dizer, a intuição do que seria futuramente o romance, gênero que só no século XIX adquiriria ares de “nobreza”, para revestir-se em nossos dias em uma importância extraordinária. Substituiu ele, por exemplo, a narrativa linear, mais própria do conto, pela narrativa em várias dimensões que é específica do romance”.

Pedro Paulo Montenegro integrou, em sua última fase, o Grupo Clá, consolidador do Modernismo no Ceará. Produziu diversos artigos, ensaios, resenhas, discursos, bem como três Livros: *Convivências*: anotações e apreciações, publicado em 1966, cuja apresentação coube ao consagrado crítico literário Braga Montenegro; *A Teoria Literária na Obra de Araripe Júnior*, publicado em 1974 pela Editora Tempo Brasileiro, em que sistematiza os fundamentos da obra desse que foi um dos grandes nomes da crítica literária de seu tempo, demarcando-lhe os fundamentos do tipo diferencial de crítica que praticou. Por último, *Situações & Interpretações Literárias*, de 1996, sua obra da maturidade, dando-se a isto, talvez, a avaliação que dela

fez o professor e ensaísta Linhares Filho (1998), vendo-a como a sua “mais vasta e diversificada coletânea de trabalhos” e “a que apresenta a sua mais refinada capacidade crítica”. Essas publicações tornaram-se referência para várias gerações de alunos e estudiosos da literatura e trazem a marca de sua sólida formação intelectual e da originalidade de seu estilo.

Pedro Paulo Montenegro deixou um legado à Educação no Ceará: a capacidade de transmissão de uma ética e de uma estética da existência, pautada no respeito à complexidade da subjetividade humana e nos valores mais fundamentais que sedimentam a Cultura tanto em seu sentido normativo quanto em sua magnitude de bem simbólico, como atestam os depoimentos, na seção de saudade que lhe dedicou esta Academia, em 16 de janeiro deste ano, que se revelaram a síntese perfeita do ensinamento do Psicanalista e poeta francês, Alain Didier-Weill, segundo o qual a verdadeira transmissão do saber é aquela capaz de fazê-lo avançar; e o seu agente não é o mestre que enfeitiça os seus discípulos, paralisando-os por meio de seu olhar de Medusa ou pelo culto de seu Ideal, mas aquele que, mediante o seu próprio assentimento, desperta-lhes o desejo de saber e lhes descortina os caminhos por vir. Ilustrações disso: primeiramente, as palavras de homenagem e de carinhosas lembranças do convívio com o Professor Pedro Paulo Montenegro proferidas pela acadêmica Angela Gutiérrez, seguidas pelo testemunho de seu aluno, amigo, o acadêmico Sânzio de Azevedo, no qual lhe reconheceu, com abalizadas palavras, o domínio da crítica literária, ao recolher sua história e seus principais legados e ensinamentos; em seguida, os poemas lidos pelo Príncipe dos Poetas Cearenses, Linhares Filho, um deles, especialmente dedicado a Germana Montenegro, em que retratou, com inigualável poder de síntese, a figura de seu mestre e amigo:

Ao Mestre Pedro Paulo Montenegro

Mestre de mestres, muita luz trouxeste
às letras do Ceará vindo de Espanha,
e as lucubrações foram o teu teste,
com o qual teu alunado ainda ganha.

Sensível, o teu faro de inconteste
pesquisador o campo nos amanha
da Teoria, até ver-se que se veste
o ensino com tua marca e com tua manha.

Convivências com o texto e com o aluno,
eis os focos do teu trabalho uno,
sempre a partir da Dámaso e Bousoño.

O teu legado forte permanece
e entre gerações novas brilha e cresce,
elevando o Saber, o Ser e o Sonho.”;

depois, os versos a Pedro Paulo Montenegro compostos pelo poeta
Horácio Dídimo, lidos a pedido de seu filho, Luciano Dídimo,
pela Presidente desta Instituição:

Ao Grande Mestre da Literatura

Nos caminhos da poesia,
sempre vou, mas nunca chego.
Quem me deu a teoria?
Pedro Paulo Montenegro.

Viajo nessa viagem,
vou em paz não tenho medo.
Quem me deu essa coragem?
Pedro Paulo Montenegro.

Quem abriu o coração
aos místicos espanhóis
revelando seu segredo?

Quem me deu nova visão
da suprarrealidade?
Pedro Paulo Montenegro.

Ainda, antes do último pronunciamento do dia, a acadêmica Révia Herculano, reconheceu-lhe, sob forma de agradecimento, a força de caráter e a grandeza da alma do Mestre; encerrando as homenagens, assomou o discurso de Paulo Montenegro, filho do homenageado, inundando esse mesmo auditório com a presença do Homem Pedro Paulo Montenegro, em suas diversas feições: a de Imortal; a da sua arte de fazer amigos; a da parceria com sua dedicada

Germana; a de Professor Emérito da UFC, a de seu senso de humor, a de sua integralidade de caráter. Com isso, a meu ver, lançou à audiência um dos mais profundos mistérios, que, aliás, foi uma das grandes questões postas por Freud, ao longo de sua obra, ao lado daquela “o que quer uma mulher?”, qual seja: – O que é um pai? Ao buscar recolher a dor da família e a sua própria, com tão tocantes palavras, talvez ao seu modo tenha lhe dado uma singular resposta, ao tentar definir o que lhe transmitiu seu pai, quando assim se expressou: “Seus ensinamentos provinham de sua postura, de sua ética, de seu profissionalismo, de suas aulas, de sua História, de suas histórias, de seu silêncio” ou em, assim, buscar definir-lhe o ser: “*Dom Quixote de los monólitos*. Era um contador de casos e de causos. Discípulo de Damaso Alonso, durante seu Mestrado na Espanha, apaixonou-se pela obra do Manco de Lepanto. Era um sonhador, tal qual o próprio Quixote de la Mancha. A diferença: era de Quixadá, Terra dos Monólitos, curral da fome. E assim como o cavaleiro da triste figura, que de tanto ler livros de cavalaria - os livros derreteram-lhe o juízo, nos últimos anos de sua vida, de tanto ler ao longo dela, Pedro Paulo contava histórias fundindo os personagens, os enredos, os autores, os cenários, criando o ineditismo que divertia a plateia, pois as mesmas histórias nunca se repetiam”. Eis algo da irreprodutível aura de nosso homenageado aludida por seu filho.

Senhoras e Senhores,

“Mas tudo passa neste mundo transitório./E tudo passa e tudo fica! A Vida é assim/ E sê-lo-á sempre pelos séculos sem fim! (já cantou o poeta António Nobre!). Embora únicos, somos todos faltosos e, de certo modo, somos todos mancos, somos todos Quixotes. Mas isso, não deve motivar-nos tristeza. Lembremo-nos de Freud: “Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso parece menos bela”, pois “o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo”. A

virtude da beleza e das realizações artísticas ou culturais depende da significação que lhe damos em vida, e não perdem “seu valor devido à sua limitação temporal”. Infortunadamente, Pedro Paulo Montenegro foi-se no dia 9 de junho de 2019, mas ficou na saudade dos familiares, amigos, admiradores e na memória desta Casa.

Chego às minhas últimas palavras, dedicadas a imprescindíveis reconhecimentos e agradecimentos:

Manifesto minha gratidão a todos os digníssimos acadêmicos, pelo acolhimento de minha candidatura e pela escolha de meu nome para ocupar aqui um novo domicílio, transitando o vazio de um lugar, ao lado das senhoras e dos senhores.

Agradeço ao professor, escritor e historiador Juarez Leitão, por seu discurso de acolhimento, em sua emocionante locução, generosidade, vitalidade, entusiasmo, motivo de grande alegria para mim, e por desentranhar de meu percurso algumas das raízes de minha singularidade.

Presto especialíssima homenagem aos meus pais, Maria Bezerra Fontenele e Laélío Vasconcelos Fontenele, sabendo, no entanto, que dívidas simbólicas são impagáveis, faltam-me palavras para a retribuição de todo o afeto, ensinamentos e herança ética, dos quais pude extrair o amor que tenho pela verdade e pelo poder encantatório e curativo das palavras, responsável por meu caminhar em direção à Psicologia e depois à Psicanálise em sua conexão com a Arte e a Cultura; lanço meu cortejo aos meus queridos irmãos, sobrinhos, aqui presentes, e demais familiares por diferentes dádivas e experiências, cuja partilha tornou mais vasta a nossa alma e mais doce o nosso coração;

Demonstro minha consideração e respeito pelos meus colegas professores, funcionários e alunos da Universidade Federal do Ceará, pelos companheiros que fazem comigo a Sociedade Científica “Corpo

Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Fortaleza” e aos demais colegas de outras Seções do Brasil através de seu fundador, Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge, destacado nome da Psicanálise no Brasil e no exterior, por quem tenho especial afeto e reconhecimento. Igualmente, manifesto o meu enorme apreço pelos confrades da Academia de Letras e Artes do Nordeste, a ALANE, de que faço parte desde 2008.

Meus agradecimentos a Regina Fiuza pela condução do Cerimonial desta noite; a Ana Cláudia Queiroz e a Madalena Figueiredo pelas contribuições dadas à preparação e à realização deste evento.

Registro a minha alegria pela presença dos colegas dos tempos da nossa Graduação em Psicologia, dos amigos do Curso de Psicologia da UNIFOR e dos queridos amigos de longe ou recente data.

Menciono, por fim, minha honra e enorme alegria por encontrar também, nessa nova morada, além de todos os acadêmicos, dentre os quais já tenho diletos amigos e amigas, o meu companheiro Carlos Augusto Pereira Viana, poeta do meu cotidiano, grande homem por sua generosidade, inteligência, humor e conservada meninice, sumo de sua poesia.

Muito obrigada!